



O Trabalho Psicossocial com Pessoas em Situação de Refúgio: Dilemas de Acesso, Socialização e Acolhimento em Estágio Universitário

Juily Manghirmalani¹
Isabelle de Souza Passos²
Murilo Cardoso de Oliveira³
Dra. Monalisa de Cássia Fogaça⁴

Resumo

Este artigo foi elaborado a partir das experiências universitárias vivenciadas no estágio de Processos Grupais, da graduação em Psicologia, realizado no segundo semestre de 2023, com o público de mulheres refugiadas matriculadas na instituição BibliASPA - Biblioteca e Centro de Pesquisas América do Sul, Países Árabes e África. A socialização intergrupar foi designada como uma das demandas principais e, para isso, foi necessário um aporte teórico que possibilitasse a compreensão de identidade, impactos migracionais e estágios do processamento de refúgio. As participantes se encontravam em processos diferentes após deslocamentos culturais, onde algumas apresentavam em estado contínuo de ansiedade e depressão. Dentre os resultados, houve a compreensão de outras demandas, através de encontros que possibilitaram fortalecimento de vínculo, processos de aculturação e intercâmbio cultural.

Palavras-chave: Psicologia; Processos Grupais; Refúgio; Estágio.

Abstract

This article is based on the learning included in the Group Processes internship, of the Psychology degree, carried out in the second semester of 2023, with an audience of refugee women enrolled at the institution BibliASPA - Library and Research Center of South America, Arab Countries and Africa. Intergroup socialization was designated as one of the main demands and, for this, a theoretical support was necessary that would enable the understanding of identity, migration impacts and stages of refugee processing. The participants found themselves in different processes after cultural displacements, where some were in a continuous state of anxiety and depression. Among the results, there was an understanding of other demands, through meetings that enabled strengthening bonds, acculturation processes and cultural exchange.

Keywords: Psychology; Group Processes; Refuge; Internship.

¹ Juily Manghirmalani é graduanda em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: juilymalani@gmail.com

² Isabelle de Passos Souza é graduanda em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: isabellecontato04@gmail.com

³ Murilo de Oliveira Cardoso é graduando em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: murilocardosoliveira@gmail.com

⁴ Dra. Monalisa de Cássia Fogaça: docente e supervisora da Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: monalisa.cassia46@gmail.com





Esse artigo possui como base as discussões e aprendizados realizados através do estágio supervisionado em Processos Grupais, do 6º semestre do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, em 2023, entre os alunos Isabelle de Souza Passos, July Manghirmalani e Murilo Cardoso de Oliveira sob supervisão da professora Dra. Monalisa de Cássia Fogaça.

A instituição atendida foi a BibliASPA - Biblioteca e Centro de Pesquisas América do Sul, Países Árabes e África, um órgão não governamental que atua com acolhimento e ensino do português (idioma brasileiro) e outras capacitações profissionais para pessoas imigrantes ou refugiadas. Localizada no centro de São Paulo, atualmente atende durante a semana o público-alvo de mulheres de origens latinas, angolanas, nigerianas, sírias e afegãs; e, aos fins de semana, grupos mistos entre homens e mulheres.

Uma parcela expressiva de pessoas que chegam ao Brasil costuma enfrentar problemas sociais e dificuldades de inserção. Não é raro que esses imigrantes experimentem situações de exclusão e/ou violência quando seus valores simbólicos de heranças culturais e linguísticas são atenuados ou desfeitos para melhor cooptação com a sociedade brasileira.

A mudança de nacionalidade acarreta um autoquestionamento sobre estruturas importantes como a de se compreender no mundo, de se relacionar e de se autoperceber. O encontro com uma cultura diferente gera uma espécie de desconcerto, pois há uma recorrência de embates internos através das verdades já previamente estabelecidas.

Essas verdades são parte de uma incorporação de formas de sentir, pensar e agir que são decorrentes de processos de identificação intensos. Porém, a imigração intenciona um conjunto de perdas, uma ruptura de quadros referenciais, de sentido e de pertencimentos. Além da necessidade de adaptação com os novos códigos sociais da nova localidade (Dantas, 2012).

Dentre os estressores característicos dos processos migratórios, há o enfraquecimento de saúde mental, depressão, quadros de ansiedade, mudança de peso, luto por perda de vínculos e redes de apoio, choque cultural, alteração no sono, sentimentos de marginalização e alienação, entre outros sintomas psíquicos condizentes com o decurso necessário de assimilação de uma nova cultura em um processo de aculturação. Além disso, Dantas (2012, p. 119) aponta que:

Vários fatores medeiam a relação entre aculturação e estresse, entre estes, o modo de aculturação, fase de aculturação, conhecimento da língua, natureza da sociedade majoritária (se é, por exemplo, assimilacionista, preconceituosa e discriminatória), políticas públicas com relação aos grupos minoritários na sociedade (acesso à saúde, moradia, educação, direitos políticos), apoio de redes sociais, o quão diferente são as culturas, características do indivíduo, idade e status social, aspectos cognitivos como avaliação e formas de enfrentamento e o sentimento de controle cognitivo sobre o processo de aculturação (segundo o modelo de Berry *et al.*, 1992).

A compreensão de saúde mental está correlacionada com modelos culturais de uma sociedade: locais e tempos diferentes compreendem e criam espaços de promoção de saúde diferentes em seus domínios e crenças, como também a determinação de seus adoecimentos (Dantas, 2012).

Nem todas as pessoas migrantes passam por dificuldades socioeconômicas, mas ainda assim, muitas encontram dificuldade em executar satisfatoriamente suas necessidades básicas. A exposição a certos eventos estressores podem desencadear mudanças na saúde mental desses indivíduos (Dantas; Santana; Zaia, 2022, p.124):

FATORES DE PROTEÇÃO - Resiliência; Oportunidades; Recursos Materiais e Financeiro; Educação Superior.

FATORES DE RISCO - **Pré-migração:** Exposição a guerras e





perseguições, dificuldades econômicas; **Viagem e Trânsito:** Eventos e ameaça à vida, problemas físicos, tráfico humano; **Chegada:** Residir em um país de destino reconhecido como transitório, pobreza; **Integração:** Pobreza, problemas de regularização dos documentos, isolamento social, desemprego, ameaça de retorno involuntário.

É de exímia importância ter uma avaliação psicológica ética, condizente com as estruturas vividas por esses grupos em vulnerabilidade, para evitar uma excessiva patologização e medicalização das experiências traumáticas que esses indivíduos passaram. Com isso, Carmen L. A. de Santana sugere oito principais áreas focais na promoção e prevenção de saúde mental para migrantes e refugiados:

1. Promoção de saúde mental via integração social;
2. Disseminar e compartilhar conhecimentos sobre direitos à saúde e cuidados no território;
3. Facilitar mediação cultural;
4. Auxiliar em formas integrativas de cuidados mentais, físicos e sociais;
5. Garantir capacitação de profissionais da saúde mental para o público migrante;
6. Proporcionar pesquisas avaliativas dos serviços para melhor adequação às demandas;
7. Difundir boas práticas dos diversos países. (Dantas; Santana; Zaia, 2022)

O trabalho psicossocial não se realiza apenas na atenção terapêutica, pois isso indicaria um trabalho individual adaptativo com a questão. A proposta intercultural é de que a sociedade também se responsabilize por uma melhor adequação desses indivíduos, com isso, o trabalho está também no investimento significativo dos vínculos comunitários e todo o tecido social de suporte, juntamente da inclusão profissional e educacional, acolhimento e mediações de conflitos decorrentes da inserção da comunidade de acolhida (Dantas; Santana; Zaia, 2022).

Para o psicólogo Erik Erikson (1968), a formação de identidade condiz com o desenvolvimento psicossocial do sujeito em relação ao individual e à sociedade, em uma

ordem simbiótica entre o subjetivo e objetivo. Ou seja: uma formação coerente do *self* é feita apenas através da consolidação de valores, crenças e metas com as quais o sujeito estará comprometido e utilizará como base estruturante de sua vida.

Nessa linha de pensamento, James E. Marcia (1966, 1980 *apud* Papalia e Martorell, 2022) conceitualiza quatro estados da identidade: *a difusão*, *a execução*, *a moratória* e *a realização*. Para ele, os quatro estados variam entre níveis de crise e de compromisso com a identidade, em uma lógica parecida com a de Erikson. Para o autor, a crise é necessária para que haja uma ruptura e necessidade de mudança, enquanto o compromisso é sobre uma filiação com ideais e investimento pessoal em forma de comprometimento com a formação de uma identidade coesa. Esses estados não são fixos e podem mudar conforme as decisões ao longo da vida fizerem ou não sentido para o sujeito.

No entanto, para as pessoas que pertencem a esferas sociais consideradas minoritárias, os quatro estados da identidade podem ser compreendidos de formas mais específicas. É o caso da pesquisa de Jean S. Phinney (1998 *apud* Papalia e Martorell, 2022) sobre desenvolvimento da identidade étnica. Para o autor, a *difusão de identidade* acarreta um baixo compromisso com questões étnicas e, com isso, uma relação de apaziguamento sem crises; na *execução*, o sujeito possui grande vislumbre por suas composições étnicas espelhando comportamentos de pessoas que este considere pertencente à sua cultura, mas com baixo teor de crise; no *estado de moratória*, há nuances de crise, mas com baixo compromisso com questões étnicas, feito através de muita indagação e pouca ação; e na *realização de identidade*, a crise leva ao compromisso, quando o sujeito possui embasamento o suficiente para aceitar, entender e valorizar seus enquadres étnicos.

As pesquisadoras do desenvolvimento humano, Papalia e Martorell (2022) falam que o aperfeiçoamento de um senso de identidade





étnica acarreta benefícios, principalmente em relação à quadros de depressão, como também melhora na autoestima e no bem-estar, envolvendo a saúde física e mental. Parte de uma identidade social e cultural, o pertencimento étnico traz um nível de aprofundamento único, através de processos grupais de identificação ou de dissociação, e uma busca afirmativa das experiências atravessadas por serem partes de um grupo minoritário, quando viventes em um local em que a representação hegemônica não é a mesma desses sujeitos.

Papalia, Martorell (2022) e Phinney (1998, 2003) comentam sobre a dificuldade de formação de uma identidade étnica realizada e saudável, visto que estão relacionadas com a aceitação de outros grupos dominantes e, ocasionalmente, apresentam maiores níveis de rejeição, estereotipagem e discriminação. Em uma identidade étnica realizada, o sujeito lida com "efeitos positivos sobre a depressão, percepção de estresse, enfrentamento, competência social, autoestima, bem-estar, sintomatologia internalizante e externalizante, desempenho acadêmico e atitudes e riscos de saúde".

A aculturação é um conceito que descreve vias de ressocialização de sujeitos em novas sociedades. Esse processo, dificilmente pacífico, trata das formas de adaptação cultural advindas de teias complexas de negociação da própria identidade com novas expectativas sociais. Com isso, estressores como diferentes hábitos e vivências, métodos educacionais divergentes para criação dos filhos, traumas intergeracionais, fatores de gênero, entre outras questões de caráter cultural, atravessam pessoas imigrantes, que precisam "lidar com um duplo quadro de referência, de sentido e pertencimento, cotidianamente" (Dantas; Ueno; Leifert; Suguiura, 2010, p. 49).

Para entender os sofrimentos causados por processos migracionais, a psicologia intercultural utiliza dois conceitos chaves para a investigação: a aculturação psicológica e o estresse de aculturação. A definição mais

utilizada de aculturação fala sobre fenômenos, ocasionados pela interação direta e contínua de sujeitos de diferentes culturas, que acarretam alteração de padrões culturais. Há, então, mudanças estruturais através de um processo de assimilação de uma outra cultura, ou seja, a ressocialização em forma de aculturação. (Dantas, 2012)

Seguindo os pensamentos de Marcia (1966) e Phinney (1998), a psicóloga Sylvia Dantas (2012) descreve os quatro possíveis processos de integração entre culturas: *assimilação* - no qual indivíduos atenuam ou descartam conhecimentos prévios de suas culturas matriz e tentam cooptar ou adotar a cultura hegemônica do país que agora vivem; *separação* - no qual evitam contato com a nova comunidade majoritária; *integração* - é um método de manutenção de ambas as culturas, visto principalmente em pessoas jovens ou de segunda e demais gerações de imigrantes; e, por fim, há a possibilidade de *marginalização*, onde os indivíduos não conseguem se inserir na cultura destinatária e ficam às margens da integração social, normalmente experienciadas por imigrantes idosos ou com traumas graves.

Uma mudança cultural pode gerar níveis profundos de dissociação e sofrimento. Nesse sentido, o conceito de estresse de aculturação refere-se ao tempo e processo da aculturação em si, em que há possibilidades de abalos graves na saúde mental, tais quais: aumento da ansiedade, depressão, sentimentos de marginalização e alienação, aumento de sintomas psicossomáticos, confusão identitária. O estresse de aculturação exerce influência na saúde dos indivíduos, portanto, em vários aspectos: físico, psicológico e social. Importante ressaltar, no entanto, que este será maior ou menor dependendo de uma série de fatores pessoais e situacionais (Dantas, 2012, p. 119).

Processos traumáticos como perda de habitação, cidadania, vínculos familiares, representações e outros quadros simbólicos culturais, tão importantes para compreensão de sofrimentos mediados pelas questões sociais,





são alguns dos temas que a psicologia possui capacidade de observar e investigar.

Ao estudar os estágios psicológicos em processos de refúgio com comunidades latino-americanas nos Estados Unidos, Gonsalves (1992) elenca quatro estágios de reassentamento e implicações psicoterapêuticas.

Para o primeiro estágio, que ocorre entre a primeira semana e os seis meses no novo país, nomeado *primeira chegada*, o autor discorre sobre as dificuldades iniciais vivenciadas pelos grupos de refugiados: "aprender sobre os arredores, se manter envolvido com o país de origem, conhecer novos refugiados" e das problemáticas mais comuns estão: desorientação, tristeza, raiva, culpa. Para esse grupo, os profissionais mais indicados para melhor ressocialização do grupo seriam professores, guias turísticos e especialistas em recursos.

Para o segundo estágio, *desestabilização*, entre seis meses e três anos de nova vivência, as propostas seriam "adquirir ferramentas de sobrevivência, aprender o idioma, aprender novos meios de se relacionar ou flexibilizar papéis de gênero, desenvolver um grupo de apoio", nas quais as principais dificuldades seriam: hostilidade, resistência à uma nova cultura e negação, por isso, seriam importantes acompanhamentos de professores e psicoterapeutas.

Na terceira fase, entre três e cinco anos no país, nomeado *experimentação e estabilização*, Gonsalves (1992) propõe tarefas de "desenvolvimento de uma forma mais flexível de aprendizado sobre cultura, ajustamento matrimonial, se manter unido a outros refugiados", com os dificultadores sendo: medo de fracasso, isolamento, apropriação cultural prematura, com a possibilidade de trabalho com especialistas de recursos e psicoterapeutas.

O quarto estágio que ocorre entre cinco e sete anos no país seria o *retorno à vida normal*, no qual a pessoa refugiada precisaria: "se acomodar a uma flexibilidade cultural,

desenvolver expectativas realistas para as novas gerações, desenvolver uma identidade positiva, esperar mudanças de identidade" na retroativa de sentimentos como: rigidez e conflitos intergeracionais, com acompanhamento profissional de psicoterapeutas e conselheiros.

Para quem não consegue fluir nos estágios progressivos de ressocialização e aculturação propostos pelo autor, há um estágio de negação contínuo, nomeado *descompensação*, que ocorre entre uma semana e sete anos no novo país, no qual é necessária uma intervenção de crise pois ele ativa "psicoses, desordem de identidade, depressão, crises existências e quebras familiares", com a necessidade de trabalhos sobre "encontrar métodos de sobrevivência, modificar identidade, reentrada em uma nova cultura, continuar com compromissos, se conectar com presente, futuro e passado".

Com esse referencial teórico, os estagiários puderam avaliar onde o grupo de trabalho está inserido e as possibilidades de conversas necessárias para melhor adaptação das realidades das participantes, como também, manejos de intervenção.

Método e Levantamento de Demanda

O projeto de estágio foi realizado semanalmente pelos alunos Isabelle de Souza Passos, July Manghirmalani e Murilo Cardoso de Oliveira, de agosto a novembro de 2023, com a participação rotativa de 5 a 15 mulheres, cisgêneros, de 18 a 70 anos de idade, de origens latinas, árabes e sul-africanas, em especial sírias, afegãs e angolanas; criadas em diferentes níveis socioeconômicos; com diferentes formações acadêmicas; algumas de religião cristã, mas majoritariamente muçulmanas.

O trabalho psicológico com pessoas refugiadas envolve ajudar indivíduos que foram forçados a deixar seus países de origem devido a conflitos armados, perseguições, desastres naturais e outras condições adversas.





Estes frequentemente enfrentam estressores dos mais diversos, com desafios emocionais e psicológicos de um quadro pós-traumático recente.

Uma das possibilidades de intervenção psicológica é o apoio psicossocial, no qual é feito em grupo e ajuda os refugiados a se conectarem com pessoas que passaram por situações semelhantes. Terapias com arte, música ou jogos também são costumeiramente indicadas para ajudar pessoas com dificuldades linguísticas a se expressarem. Dos problemas específicos de refugiados está o enfrentamento de diferentes lutos, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), ansiedade, depressão e questionamentos de identidade cultural. Está no manejo do profissional da psicologia propor trabalhos de ajuste cultural e contra xenofobias, para que a medida em que refugiados comecem a se estabelecer melhor no país receptor, haja uma possibilidade de melhor reintegração social.

Após o reconhecimento de campo, a demanda principal apresentada pela instituição foi a socialização intergrupar com a proposta de fortalecimento de vínculos, construção comunitária e intercâmbio cultural. Juntamente das supervisões do curso e da literatura evidenciadas pela psicologia intercultural, o trio de estudantes projetaram em conjunto um trabalho interventivo a ser realizado no período de agosto a novembro de 2023, no total de 10 encontros.

Encontro 01	Reconhecimento de campo e levantamento de demanda.
Encontro 02	Proposta de desenho individual com as informações: Nome, idade, país, cidade que nasceu, religião, o que elas mais gostam de fazer, qual comida que mais gostam e maior sonho/desejo no momento. (Pichon-Rivière, 2005)

Encontro 03	Apresentamos o curta-metragem "Home" (Save the Children), com temática sobre refúgio e perda de identidade. Seguido por perguntas disparadoras de complexidades sobre “o que é casa?”, “quais as diferenças nas culturas de origem e a brasileira?”, “o que você mais sente falta?”
Encontro 04	A proposta de trabalho deste encontro foi o de aprofundar nosso conhecimento sobre as participantes junto da expressão delas mesmas em forma de colagem. Entender quais os valores, interesses e como elas se enxergam é parte importante para a continuidade de nossas intervenções que pretendem ter maior impacto em aspectos socioemocionais. (Pichon-Rivière, 2005)
Encontro 05	O objetivo da intervenção desta semana foi o de fortalecer o vínculo entre as participantes com os estagiários. Nossa proposta foi levar um momento de descontração através das danças típicas, referente a regionalidade de cada participante e a troca cultural com músicas populares brasileiras. A composição de passos e coreografia, também, ativa um trabalho de memória corporal e de localização





	espacial. (Dantas; Santana; Zaia, 2022)
Encontro 06	<p>O encontro teve como objetivo trabalhar as diferenças culturais em relação à trajetória de vida. (Torres, 2003)</p> <p>Percebemos que há algumas aproximações em expectativas, mas também algumas divergências de uma cultura ocidentalizada como a brasileira em relação às das mulheres refugiadas do nosso grupo de trabalho que são angolanas, sírias, afegãs, iranianas e peruanas.</p> <p>Com isso, propusemos levantar alguns estágios principais da vida, da infância até a terceira idade, para compreender o que elas já viveram, almejam viver e como as imposições/expectativas culturais atravessam seus interesses, mesmo em situação de refúgio em uma cultura tão diferente.</p>
Encontro 07	<p>O objetivo desse encontro foi o de promover um intercâmbio cultural entre datas importantes do calendário brasileiro através das festividades e saber se elas compartilham de alguns desses feriados nacionais em suas culturas. A finalidade foi a de compartilhar conhecimento e uma aproximação cultural delas com a cultura brasileira. (Dantas; Santana; Zaia, 2022)</p>

Encontro 08	<p>O objetivo central deste encontro foi a busca por aproximações culturais entre costumes e hábitos brasileiros com as realidades de nossas participantes. Com a proposta de aproximação e intercâmbio cultural entre elas e o país receptor, em uma conversa mais intimista e focada em grupos. (Pichon-Rivière, 2005; Dantas; Santana; Zaia, 2022)</p> <p>Com isso, apresentamos possibilidades de perguntas de cunho social - como expectativas de gênero e família; cultural – o que elas pensam das afetividades públicas; geográfico e econômico.</p>
Encontro 09	<p>Em vias de finalização, repetimos a proposta de descontração e aproximação afetiva com proposta de dança e troca cultural através de uma prática corporal e artística.</p>
Encontro 10	<p>O encontro desta semana foi uma conversa de finalização do ciclo de trabalho que propusemos com o estágio de Processos Grupais. Contamos nosso percurso, o que identificamos e entregamos uma carta com agradecimento e apontamentos. Na sequência, pedimos para todas as integrantes escreverem ou desenharem uma mensagem para elas mesmo sobre seus futuros.</p>





A Demanda: Socialização Intergrupual

A socialização intergrupual foi a principal demanda apresentada e que justificava-se possível de adensamento dentro do estágio supervisionado em Processos Grupais como possibilidades de trabalho de socialização enquanto coletivo, fortalecimento de vínculos e de identidade após perda do quadro de referências culturais, noções de pertencimento e, também, a possibilidades de novos aprendizados sobre a cultura brasileira, através de intercâmbio cultural, em vias de contribuir para a inserção social das integrantes.

O "Guia em saúde mental e atenção psicossocial para população migrante e refugiada no Brasil", organizado por Sylvia Dantas, Carmen L. A. de Santana e Marcia Zaia (OIM, 2022), menciona as diversas dificuldades para o atendimento desse grupo social e serviu de referência para as propostas de intervenções executadas. No Guia, a psiquiatra Carmen L. A. de Santana, ao discorrer sobre as principais áreas de ação na saúde pública para o cuidado de pessoas migrantes em saúde mental, menciona a integração social adequada como ação prioritária.

A partir disso, é entendido que as redes de apoio são determinantes para o desenvolvimento, pois a qualidade das relações sociais é essencial para o bem-estar e para a capacidade de adaptação ao ambiente, além de aumentar o senso de pertencimento. As redes de apoio são compostas por relações sociais significativas que são constantes em um determinado período. Essas relações podem fornecer apoio social, afeto, oportunidades de aprendizagem e crescimento pessoal. Considerando isso, a primeira rede de apoio do indivíduo tende a ser a família, porém ao longo do decorrer da vida pode ocorrer relações de apoio e proteção, como o grupo de pares, parceiros comunitários e colegas de profissão, por exemplo (Brito; Koller, 1999). A confiança é reforçada quando existem vínculos comuns entre as pessoas, tais como interesses,

características, crenças religiosas ou aspectos culturais (Robbins, 2012).

Portanto, nos primeiros encontros, o objetivo foi o de conhecer melhor as características socioemocionais relacionadas à situação de refúgio e estabelecimento no Brasil de nossos participantes. Para isso, foram usados aspectos de atividades lúdicas e de criatividade que, segundo Pichon-Rivière (2005), são atividades baseadas na satisfação de necessidades humanas e, na medida em que são realizadas, geraram um certo vínculo. A partir disso, foi possível perceber que o grupo se tornou mais reflexivo e flexível propiciando maior desenvolvimento, uma vez que durante o processo ocorre troca de vivências e uma visão mais ampla de determinada questão.

Ainda falando dos processos grupais e das dinâmicas que ocorrem intergrupo, Kurt Lewin (*apud* Fernández, 2006) nota que ao trabalhar com um número pequeno de pessoas estabelece-se uma maior efetividade em termos de mudança, do que ao trabalhar de forma individual. Ou seja, indivíduos possuem menor resistência frente a mudança quando estão em conformidade com outros indivíduos, este elemento crucial que caminha para uma menor resistência à mudança interna foi um guia básico para que as atividades fossem realizadas, uma vez que, ao se trabalhar socialização e adaptação, se faz necessário com que as guardas da resistência frente a mudança estejam baixas.

Ao elaborar as atividades foi levado em consideração o sistema de interdependência grupal e o funcionamento do mecanismo estabelecidos dentro dos subgrupos, uma vez que foi possível notar disparidades sociais que havia, seja por antigas classes sociais ou, principalmente, por países originários diferentes e/ou faixa etária, com isso garantiria a efetividade das atividades propostas (Fernández, 2006).

As atividades de colagem de imagens, desenhos e outros métodos de arteterapia utilizados, e que não exigiam a troca verbal, serviram também de comunicação projetiva,





uma vez que as escolhas das imagens e das situações colocadas no papel correspondiam ao imaginário de cada participante. Isso auxiliou a percepção da importância da família, religião, costumes, sensação de acolhimento e falta de subsídios que estão vivenciando aqui. Juntamente ao sentimento de solidão, medo, ansiedade e falta de perspectivas, por parte de algumas.

Discussão e Resultados

O processo de imigração forçada pode ser muito traumático e esses indivíduos acabam enfrentando estressores dos mais diversos. Segundo as pesquisas da psicologia migratória, a socialização e fortalecimento de vínculos pode ajudar as pessoas em situação de refúgio a lidar e dividir preocupações, advindas dos desafios que enfrentam cotidianamente em um novo território. Os grupos podem oferecer um senso de comunidade, apoio social, resiliência e oportunidades de aprendizagem. (Dantas, 2012; Dantas; Santana; Zaia, 2022; Fernández, 2006)

O trabalho psicológico com refugiados não apenas visa mitigar o sofrimento imediato, mas também fortalecer a resiliência e capacitar esses indivíduos para construir uma nova vida em seus países de acolhimento. É uma jornada que requer empatia, compreensão e um compromisso contínuo com o bem-estar emocional daqueles que enfrentaram adversidades extraordinárias.

Uma das principais adversidades encontradas foi a pluralidade étnica e linguística das participantes, visto que elas eram de origens diferentes e falavam idiomas desconhecidos para os alunos, como o farsi, árabe, espanhol, francês ou inglês. Com isso, idealizou-se meios de acesso através de intervenções artísticas e projetivas, a fim de criar mecanismos que possibilitassem conhecê-las melhor e entender perspectivas de ações com caráter de socialização intergrupala. Através de desenhos, colagens e traduções foi

possível identificar os seguintes itens: idade, gênero, estado civil, nível socioeconômico prévio e o após imigração, etnia, país de origem, carreira exercida e expectativas no país de residência atual.

Durante o processo foram identificadas outras demandas que se tornaram ponto focal a serem trabalhados. Foi notável os níveis de desamparo e adoecimento psíquico dentro do grupo, algumas hipóteses puderam ser levantadas em relação a isso, como a exposição a violência e situações de guerra e conflito, aculturação, preocupação e níveis de ansiedade em relação ao futuro dos filhos, sentimentos de luto, solidão, saudade, desesperança em um futuro no Brasil, sentimentos de desgosto em relação a alimentação, tudo isso gerando índices de possível depressão e com possível avaliação de estresse pós-traumático.

É importante observar que o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) precisa ser realizado com maior cuidado em situações como essas. A avaliação psicológica em casos assim precisa ser de grande teor ético-político, para evitar uma excessiva patologização e medicalização das experiências traumáticas que esses indivíduos passaram. (Dantas; Santana; Zaia, 2022) Com isso também, entender o conjunto de perdas e alterações no cotidiano dessas pessoas como algo coletivo e em continuidade ao que suas famílias, amigos e demais redes sociais estão passando. (Jabr, 2024)

Como proposto pelo "Guia em saúde mental e atenção psicossocial para população migrante e refugiada no Brasil" (2022), a integração social é um trabalho de mão dupla. No qual a interculturalidade proporciona uma mudança no ambiente de acolhida tanto quanto no indivíduo que migra. Como as diferenças culturais geram uma dificuldade de pertencimento e compreensão da cultura brasileira, o trio de estudantes traçou um cronograma que visava também realizar uma aproximação cultural, com intuito de favorecer a autonomia das participantes dentro do contexto social brasileiro.





O cronograma foi dividido de modo que a cada encontro fosse realizado uma atividade diferente, seguindo a proposta de algo dinâmico e que facilitasse o aprofundamento às demandas que foram sendo percebidas ao longo do percurso.

A partir do quarto encontro, com a melhor compreensão sobre quem era o grupo de trabalho e a formação de vínculo mais bem estabelecido, o trio de estagiários propôs intervenções de aproximações culturais e possibilidade de diminuição do distanciamento simbólico entre as noções de realidade entre elas, entre si, e entre elas, com os estagiários.

Para o melhor desenvolvimento do trabalho proposto, houve a necessidade de aproximações que eram atravessadas pelas dificuldades de comunicação. Através disso, a forma que os alunos acharam mais eficiente foi a de dividir a sala em suas diferenças étnicas, linguísticas e geracionais. Com a ajuda da ferramenta de tradução, *Google Translator*, os alunos separavam a turma em grupos menores e faziam traduções simultâneas para o farsi, persa, árabe ou demais idiomas presentes, possibilitando assim uma atenção e escuta mais cuidadosa. Quando uma das mulheres do grupo falava inglês, além do idioma natal, os estagiários pediam sua ajuda como mediadora cultural e tradutora, pois era o idioma que mutuamente conheciam. Nesses casos, as intervenções conseguiam ter mais adesão e troca entre as participantes.

Ademais, as atividades subsequentes do sexto, sétimo e oitavo encontro propunham reflexões sobre as diferenças culturais em relação à trajetória de vida e entre o Brasil e o país de origem de cada uma. Percebeu-se que há algumas aproximações em expectativas, mas também algumas divergências de uma cultura ocidentalizada como a brasileira em relação às das mulheres refugiadas do grupo de trabalho que são angolanas, sírias, afegãs, iranianas e peruanas, que possuíam vivências particulares entre si e nem todas coincidentes entre seus países. Para isso, utilizou-se modelos apresentados por Marcos E. Pereira e

Gilcimar S. Dantas (*in* Torres, 2023), em relação ao desenvolvimento de cognição social, com a proposta de identificar algumas etapas principais da vida, da infância até a terceira idade, para compreender o que elas já viveram, almejam viver e como as imposições/expectativas culturais atravessam seus interesses, mesmo em situação de refúgio em uma cultura tão diferente.

Os três últimos encontros foram dedicados à finalização do ciclo de trabalho proposto com o estágio de Processos Grupais. A arte tem como potencialidade a cura e transformação, a dança é um meio para potencializar o indivíduo a resistir ao impacto das situações de vulnerabilidade social (Brito *et al*, 2021). Como também, propor um meio não-oral de fortalecimento de laços, expressão e distração. A partir disso, no nono encontro o objetivo era uma proposta de dança e troca cultural através de uma prática corporal e artística no qual as participantes puderam apresentar músicas e danças, como também, vivenciar uma prática das danças brasileiras.

No décimo encontro, para o fechamento do ciclo com as participantes, foram apresentadas as atividades de agosto até novembro. O objetivo era indicar as intenções propostas com os exercícios de intercâmbio cultural, as conversas, as aproximações e as possibilidades de um estágio em Processos Grupais, principalmente no campo de socialização grupal. Também foi entregue uma carta com agradecimento referente a contribuição e pelas trocas durante esse período, desejando uma boa adaptação ao Brasil. Após esse momento, foram entregues papeis coloridos, canetinhas e lápis para que elas escrevessem ou desenhassem uma mensagem para elas mesmo sobre seus desejos de futuro.

Com o decorrer das intervenções, o trio de estagiários identificou, na prática, características vislumbradas no aporte teórico. Como proposto por Marcia (1966) sobre os estágios de identidade foi possível observar que muitas dessas mulheres tinham uma





realização de identidade coesa antes do refúgio, do qual foi destituída por estágios de *difusão e/ou moratória* após mudarem de nação.

Para as participantes mais velhas, com filhos ou integrantes da terceira idade, a *difusão de identidade* foi perceptível pela dificuldade em explorar alternativas de sobrevivência e baixo compromisso com aprender o português, o idioma brasileiro. Estas mulheres apresentavam grande preocupação com o futuro de seus filhos, porém pouco com elas próprias.

Para as mulheres mais jovens, há um processo de descoberta em suas ações e desejos compartilhados nas intervenções, o que demonstra o *estado de moratória*, em que há exploração de alternativas, porém com baixos níveis de comprometimento. Algumas das mulheres começaram processos adaptativos à cultura brasileira, com vislumbre por acessos diferentes dos que possuíam em sua terra natal. Nestes casos, só chegará na *identidade restabelecida* quando houver maior compromisso com uma nova formação de identidade, apaziguação interna e maior adaptação à situação em que se encontram (Marcia, 1966).

Dentro dos estágios psicológicos em processos de refúgio propostos por Gonsalves (1992), foi possível diferenciar alguns processos entre as integrantes do grupo de trabalho:

Para as mulheres afegãs, que são as mais recém-assentadas no Brasil, com cerca de 2 semanas a 4 meses, há sintomas descritos na *primeira chegada*. Através de seus relatos foi possível confirmar certa desorientação sobre "próximos passos" a serem seguidos para uma vida plena no Brasil; juntamente de sintomas de luto pela situação em que se encontram e por vínculos perdidos. Para estas, há uma demanda particular de professores de idioma, guias turísticos e pessoas com conhecimentos diversos que ensinem sobre cultura, direitos humanos e busca por documentação.

Para as duas irmãs de origem síria que estão há mais tempo no Brasil, aproximadamente 06 anos, foi possível identificar o estágio de *experimentação e estabilização*, no qual ambas se encontram matriculadas em cursos além dos propostos pela ONG, buscando uma educação formal e entrada para sociedade brasileira. Para essas integrantes, há uma necessidade específica de psicoterapia para melhor compreender os ajustes feitos decorrentes dos processos de aculturação.

Ao final do estágio, o trio de estagiários receberam demonstrações afetivas que corroboram o fortalecimento de vínculo, enquanto também presenciaram novas amizades dentro do grupo. Durante as atividades, algumas das participantes trocaram experiências distintas, mesmo tendo a mesma religião como condutor principal de suas socializações. Também trocaram contatos de celular e redes sociais, o que indica que a busca por uma socialização intergrupala foi bem executada. É notável que apesar da instituição propor trabalhos grupais, o fortalecimento do vínculo entre as mulheres atendidas requer aproximações simbólicas e de novas compreensões da situação atual em que se encontram.

Muitas das indagações apresentadas estavam na dificuldade em criar autonomia no Brasil, um país com uma cultura tão diferente das que elas foram criadas. A difícil compreensão de certas escolhas governamentais, de comportamento de gênero, da dificuldade com o idioma e com a sensação de que o Brasil não é seguro em integridade física nem moral para elas foram pontos que os estagiários levaram em consideração para a devolutiva à instituição ao final do processo.

Considerações Finais

No último encontro, os estagiários Isabelle de Souza Passos, Juily Manghirmalani e Murilo Cardoso de Oliveira levaram à instituição as considerações levantadas em





supervisão. Para eles, torna-se altamente recomendável a continuação dos estágios psicoterapêuticos ou psicoeducativos com a instituição BibliASPA - Biblioteca e Centro de Pesquisas América do Sul, Países Árabes e África, juntamente de propostas diferentes de atuação da psicologia (possibilitados pelos estágios institucionais e clínicos) com o grupo de pessoas em situação de refúgio. Para as maiores efetividades dos mesmos, indica-se continuidade do trabalho iniciado neste semestre, com o registro dos levantamentos feitos e melhor compreensão das demandas apresentadas pelos grupos que passaram pelas atividades. Esta é uma etapa importante para intervenções efetivas dentro dos conhecimentos da Psicologia.

Através dos encontros semanais foi possível detectar, em níveis distintos, porém em todas as participantes, possíveis transtornos de ansiedade e depressão, advindos de situações pós-traumáticas com possível indício de perda de identidade, vínculos, perspectivas, estrutura de vida e cidadania. Dentre esses, a possibilidade de implementação de apoio psicoterapêutico, trabalhos em grupos, assessorias diversas, atividades com acompanhamento terapêutico (AT) se tornam necessárias para a superação, integração e melhor compreensão dos quadros psicológicos desses indivíduos.

Referências

- Brito, R. C. & Koller, S.H. (1999) Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*, p. 115-129.
- Brito, R. M. M.; Germano, I. M. P. & Severo Jr., R. (2021). Dança e movimento como processos terapêuticos: contextualização histórica e comparação entre diferentes vertentes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 28, p. 146-165.
- Dantas, S. D. (2012). Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais. São Paulo, *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*.
- Dantas, S. D.; Ueno, L.; Leifert, G. & Suguiura, M. (2010) Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 45-60, jan./jun.
- Dantas, S. D.; Santana C.L., Zaia M. (org). *Guia em saúde mental e atenção psicossocial para população migrante e refugiada no Brasil*. Brasília: Organização Internacional para as Migrações. 2022.
- Erikson, E. H. (1968). Identity, youth and crisis. New York: W. W. Norton Company.
- Gonsalves, C. J. (1992) Psychological stages of the refugee process: A model for therapeutic interventions. *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 23, n.5, p. 382.
- Jabr, S. (2024). Sumud: em tempos de genocídio. Rio de Janeiro: *Tabla*.
- Marcia, J. E. (1996). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Papalia, D. E. & Martorell, G. (2022). Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: *AMGH Editora Ltda*.
- Phinney, J. S. (2003) Ethnic identity and acculturation. in K. M. Chun, P. Balls Organista, & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement, and applied research*. American Psychological Association, 63–81.
- Phinney, J. S. (1989). Stages of Ethnic Identity Development in Minority Group





Adolescents. *The Journal of Early Adolescence*.

Phinney, J. S. (1998). Psychological Variables as Predictors of Perceived Ethnic Discrimination Among Minority and Immigrant Adolescents. *Journal of Applied Social Psychology*.

Pichon-Rivière, E. (2005). O processo grupal. São Paulo: *Martins Fontes*.

Robbins, A. (2017). Poder sem limites: o caminho do sucesso pessoal pela programação neurolinguística. Rio de Janeiro: *Editora Best Seller*.

Torres, A. R. R. (2003) Psicologia social: temas e teorias. São Paulo: *Blucher*.

